
O retorno do ausente: uma empreitada de toda a ausência

20. Este herói do retorno, herói de uma odisséia que nos é contada em vinte e quatro cantos, e que conjuga a partida e o retorno, a partida tendo em vista o retorno, uma partida que é toda a história do retorno, uma partida que se prolonga em uma série de peripécias e peregrinações (é o termo para falar do emigrante, o *peregrinus*) para culminar no retorno.

21. Ou seja, de um outro modo que sob a forma de uma mera conjectura abstrata ou de uma projeção em um futuro totalmente imaginário ou onírico.

22. Que é, de uma certa maneira, apenas uma partida bem sucedida, na medida em que dá a impressão de ter atualizado as potencialidades que contém.

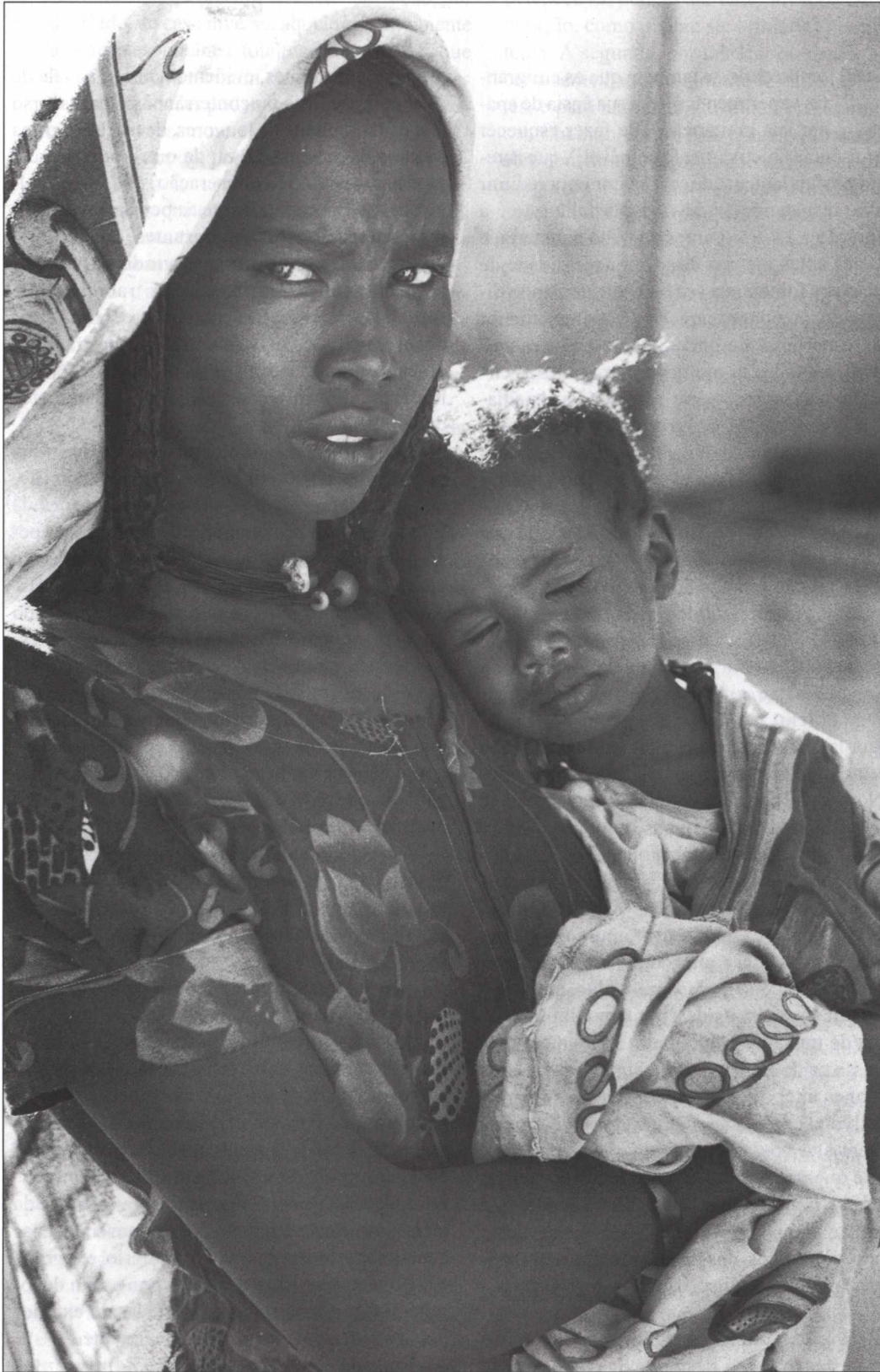
Ainda a propósito do retorno de Ulisses²⁰, este pode ser tomado como modelo do retorno (*nostos*) dos emigrantes. Mas, sob a condição de que, a exemplo de Ulisses, esses emigrantes simplesmente desejem retornar a seu ponto de partida, e trabalhem sempre para isso; também sob a condição de que, como Ulisses, eles saibam o que querem e, conseqüentemente, trabalhem para realizar o que querem; sob a condição de que, assim como Ulisses fizera durante o seu périplo no Mediterrâneo, eles vivam, pensem, ajam, constantemente no sentido do retorno - o que significa dizer, então, que eles partiram apenas para voltar, o retorno estando implícito ao próprio ato de emigrar, e, ao menos como intenção e, se possível, como comportamentos efetivos²¹, pré-existindo à partida; sob a condição ainda de que eles caminhem sem cessar e sempre um pouco mais nesta mesma direção e que, contra ventos e marés e sem se distrair, ou se desviar de rumo, apesar das numerosas armadilhas semeadas pelo trajeto, apesar das múltiplas tentações, seduções, corrupções possíveis, provas todas de que Ulisses triunfou, eles naveguem em direção ao mesmo vestígio, à mesma ilha, ao mesmo porto, à mesma cidade, Ítaca, que cada emigrante ou exilado carrega consigo.

Como se já estivesse inscrito na partida e programado ao longo de toda a ausência, que insiste em realizá-lo, esse retorno²² apaga a ausência à qual ele realmente põe fim, traz à tona, sem remorsos nem lamentos, um traço negador e vingativo e, no fundo, procede, faz ou se esforça por fazer, no melhor dos casos, como se

esta ausência jamais tivesse se realizado ou acontecido, como se fosse nula ou não realizada - é inclusive sob esta condição que Ulisses pôde encontrar a felicidade²³ e cumprir os votos firmados ao longo de sua Odisséia; o contrário teria sido a decepção, e que Penélope cessasse a surda e inquieta espera que a habita -, porém, mais ainda, ele repara essa ausência expiando a espécie de injustiça social que estava em sua gênese. É triunfante e com a espada desembainhada, que Ulisses retornou à Ítaca.

Também não há como não compreender o sonho quimérico de todos os emigrantes de retornarem ricos para a sua terra natal, mesmo que a ausência desta riqueza não fosse um motivo real e uma razão opostos ao retorno, o qual poderia, inclusive, ser contrariado e impossibilitado por essa riqueza, caso ela jamais se realizasse: ela seria essa ninfa Calypso, essa feiticeira Circe, a graciosa e brincalhona Nausicaa e outras sereias às quais Ulisses soube resistir sob a perspectiva única de reencontrar a fiel Penélope. Porém, o emigrante comum saberá, a exemplo de Ulisses, resistir ao poder da riqueza inesperada que lhe adviria? Seguramente não! Voltar rico, efetivamente ou somente em aparência, pois aqui a aparência conta talvez mais que a realidade²⁴, consiste em, de certa forma, querer fazer sua revanche social, mas também tornar claro para si e para os outros o sentido de sua emigração e de sua ausência, para que estas não sejam, uma e outra, pura vaidade, falência total, ato gratuito e, entretanto, absurdo, ato desprovido de qualquer significado, pois só há sentido e razão no reconhecimento que lhe atesta o grupo.

Foto: UNHCR/19055/04.1989/S. Errington



23. São numerosas as máximas, as sentenças, os provérbios e os ensinamentos, tanto os da sabedoria popular, como aqueles da reflexão erudita e filosófica, a relembrar que a felicidade extrema, a quietude perfeita, a beatitude, a "ephêse" de que fala Plotino, o filósofo da pátria perdida, só se encontram no retorno à pátria, onde quer que ela esteja. Para alguns, trata-se de uma pátria espiritual, metafísica, aquela das esperas escatológicas, e que é a verdadeira pátria de todos os homens, uma espécie de Jerusalém mística ou de cidade celestial; porém, esta pátria universal não é absolutamente deste mundo, reconhece-se (Plotino e, depois dele, em sua linguagem, Lammenais, por exemplo: "a pátria não é desta terra", palavras de um crente). É toda a Odisséia de Ulisses que adquire, entre os neo-platônicos, um sentido alegórico, elevando-se às dimensões de uma imensa transfiguração espiritual (aquém e além de nosso mundo).

Para outros, pátria local, país natal, terra de origem onde necessariamente estão "seus berços e seus túmulos", seus primeiros inícios e seu fim derradeiro, pátria que tem um forte poder de atração sobre seus filhos. Não se costuma dizer, à guisa de desejo e para o maior conforto de todos, que "ali onde tiveste teu nascimento, terás teu túmulo" como se os restos mortais do defunto no exílio só pudessem encontrar paz na terra e sob a terra "natal"? Na falta do retorno efetivo e em vida do emigrante, o retorno *post-mortem* e o repatriamento do corpo para seu enterro na pátria (local ou nacional) constituem, em certas tradições ou culturas, uma obrigação moral em relação ao grupo e, reciprocamente, do grupo em relação ao morto. Ou ainda, forma de lembrete recomendando mais sabedoria e mais razão ou mais ponderação: "A vida inteira é uma corrida, corre-se daqui e de lá, mas tu podes correr despreocupado e inconsistente, que a morte te alcançará e tua terra te retomará"; "Esquece tua terra, mas ela não te esquecerá; no último dia, te trará de volta a ela". É o que também diz o poema chinês (Lao Tseu, Tao Te King, séculos IV e III a.C.): "Os seres prosperam à vontade, mas cada um retorna à sua raiz / voltar à sua raiz é a quietude, é cumprir seu destino".

24. O ser social é feito de tal maneira que ele é essencialmente um ser percebido, portanto, um ser sobretudo preocupado com a percepção que o Outro tem dele, com a representação que faz de si mesmo, de seu parecer e de seu aparecer.